



# Notas da Semana - Economia e Mercados Financeiros

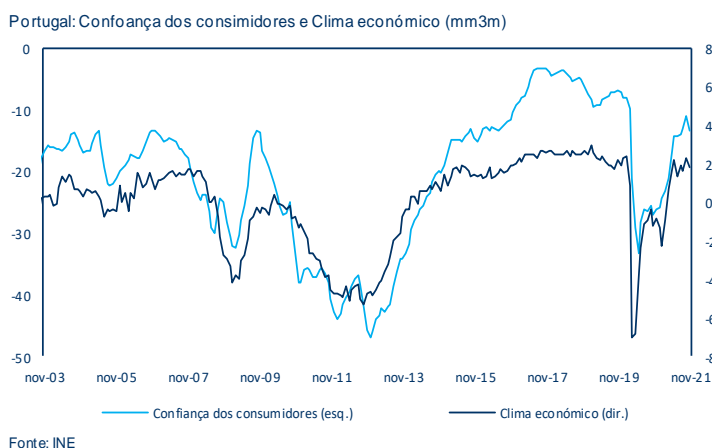
# 1. Economia e Mercados Financeiros

## 1.1 Economia

**OCDE.** A Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico (OCDE) divulgou esta semana o **Economic Outlook de dezembro de 2021**, tendo reduzido a estimativa de crescimento global para 2021, de 5.7% para 5.6%, e mantido a projeção de crescimento de 2022 em 4.5%. A OCDE apresentou a primeira projeção para o crescimento para 2023 de 3.2%. Por países, reduziu ligeiramente as estimativas de crescimento do PIB tanto para os EUA, como para a China, quer para 2021, quer para 2022, bem como para a Área Euro, embora em menor escala. As projeções para a inflação foram incrementadas tanto para os EUA, como para a Europa. Nos EUA, prevê agora um valor médio anual de 3.9% em 2021 e 4.4% em 2022 (anteriores: 3.6% e 3.1%). Na Área Euro, a previsão para a inflação em 2021 aumentou de 2.1% para 2.4%, enquanto para 2022 subiu de 1.9% para 2.7%.

**Portugal.** De acordo com o INE, após ter atingido em setembro o nível mais elevado desde o início da pandemia, a **confiança dos consumidores** registou dois meses de queda consecutiva, com destaque para a redução em novembro de -11.0 para -19.0 pontos. Esta diminuição prendeu-se essencialmente com a deterioração das rubricas da *situação económica do país* e *expectativas de preços*.

No que concerne ao **clima económico** (confiança dos empresários), no mês passado o indicador diminuiu de 2.4 (leitura mais elevada desde fevereiro de 2020) para 1.9 pontos, devido à diminuição da confiança na *Construção e obras públicas* e no *Comércio*, de forma significativa no primeiro caso. Por sua vez, o indicador de confiança aumentou em novembro na *Indústria Transformadora*, contrariando a diminuição observada no mês anterior, e nos *Serviços*, neste caso para um valor máximo desde abril de 2019.



**Área Euro.** A Comissão Europeia/Eurostat publicaram os indicadores mensais de confiança económica respeitantes a novembro. Apesar da queda de 1.1 pontos, o **sentimento económico** permanece num nível elevado (117.5 pontos) e ainda próximo do máximo histórico (119.0) registado em julho. A redução do indicador deveu-se sobretudo à componente respeitante à *confiança dos consumidores* (-2 pontos, para -6.8), uma vez que ao nível empresarial assistiu-se a aumentos da confiança na *construção*, no *retalho* e, em especial, nos *serviços*.

Em outubro, a **taxa de desemprego** da Área Euro registou o sexto mês consecutivo de descida, fixando-se em 7.3%, o nível mais baixo desde abril de 2020. O **nível do desemprego** diminuiu pelo 14º mês consecutivo, em 64 mil, após 223 mil em setembro. No conjunto destes meses, o número de

desempregados reduziu-se em praticamente 2 milhões, para um total de 12.04 milhões de pessoas, um valor inferior ao registado antes da pandemia.

**EUA.** Alguns dos principais indicadores mensais nos norte-americanos foram divulgados na semana passada. Destaque em primeiro lugar para o **ISM industrial**, que procura medir o nível de atividade das empresas industriais: Este indicador permaneceu acima de 60 pontos, ao passar de 60.8 para 61.1, devido às rubricas *Novas Encomendas* e *Produção*, que voltaram a superar os 60 pontos. As rubricas respeitantes às *encomendas em carteira* e *tempos de entrega*, métricas de avaliação dos constrangimentos na oferta registaram decréscimos, embora permaneçam em níveis muito elevados. Nota final para os *inventários dos clientes*, que regressou ao patamar mais baixo de sempre, consequência da forte redução de inventários nos EUA nos últimos meses. Ao nível dos serviços, o **ISM Non-manufacturing** atingiu um novo máximo histórico, ao passar de 66.7 para 69.1 pontos. Em novembro, a **criação líquida de postos de trabalho** (“*nonfarm payrolls*”) ascendeu a 210 mil, um resultado inferior ao previsto (550 000) após um valor revisto em alta de 546 000 em outubro. Este resultado, divulgado na primeira parte do relatório realizado junto das empresas (*Establishment report*) contrasta fortemente com a variação do Emprego divulgado no inquérito às famílias (*Household report*). Neste caso, o **Employment** aumentou em 1.1 milhões de pessoas, para 155.2 milhões, o resultado mais elevado desde março de 2020. Com uma redução do **desemprego** de 546 000 pessoas, a **taxa de desemprego** diminuiu 0.6 p.p., para 4.2%, uma queda superior ao previsto (4.5%) e o valor mais baixo desde fevereiro de 2020. A **taxa de participação** subiu mais 0.2 p.p., para 61.8%, ainda muito abaixo do valor médio de 2019, acima de 63%. Quanto aos salários, os ganhos médios por hora mantiveram o crescimento homólogo de 4.8%.

**Bancos Centrais.** Esta semana, primeiro no Comité de Assuntos bancários do Senado e posteriormente no Comité de Assuntos Financeiros da Câmara dos Representantes, o Presidente da Reserva Federal, Jerome Powell, reconheceu que “**é apropriado que consideremos na próxima reunião uma redução mais rápida para que seja encerrada alguns meses antes**”.

O responsável máximo do banco central dos EUA reforça assim a expectativa de que, ainda este mês, o Conselho de Governadores deverá votar favoravelmente uma aceleração do ritmo de redução da compra de ativos. Consequentemente, é previsível que o mercado possa descontar igualmente uma antecipação do primeiro aumento da taxa de juro da Reserva Federal. O **Banco Central da Hungria** decretou mais um aumento da sua taxa diretora, desta feita em 20 p.b.. A taxa encontra-se agora em 3.10%, registando-se já um incremento acumulado de 235 p.b. desde que em junho teve início o processo de ajustamento da política monetária.

---

## 1.2 Mercados Financeiros (atualizado sexta-feira, 3 de dezembro às 20h30)

---

Nos mercados financeiros, a última semana ficou marcada pela volatilidade elevada face aos receios da rápida propagação da nova variante de COVID-19, o que desencadeou uma correção abrupta das classes de maior risco. O potencial impacto negativo dado o maior grau de abertura das economias e as dúvidas em torno da eficácia das atuais vacinas deverão continuar a prender a atenção dos investidores. Adicionalmente, o discurso de J. Powell quanto ao posicionamento menos acomodaticio da *Fed*, assumindo a permanência de maiores pressões inflacionistas, contribuiu também para um sentimento de aversão ao risco.

No **mercado monetário**, as taxas de juro Euribor nos principais prazos de referência registaram variações mistas, num contexto de manutenção das condições favoráveis de liquidez na região e pela reafirmação por Christine Lagarde que uma subida de taxa diretora é pouco provável em 2022. O intervalo de variação ficou compreendido entre +0.9 p.b. a 3 meses (-0.563%) e -0.6 p.b a 12 meses (-0.500%). Na curva de futuros da Euribor a 3 meses observou-se um aumento de *yields* das maturidades até dezembro de 2025, com valores positivos a partir de setembro de 2024.

As *yields* das **obrigações de dívida soberana europeia** terminaram a semana com uma descida

generalizada nas maturidades de longo prazo, apesar da expectativa crescente de maior restritividade da política monetária por parte do BCE e outros bancos centrais de relevo.

O risco potencial em torno de mais uma vaga pandémica foi o fator determinante do estreitamento das curvas de rendimentos, que atingiram os valores mais baixos desde o início de setembro. A retração média das taxas de juro a 10 anos foi de -5 p.b. na região, em contraponto com uma variação média de +4 p.b. nos 2 anos.

Na Alemanha e França, as *yields* a 10 anos caíram 5.3 e 6.5 p.b., para -0.39% e -0.03%, respetivamente (no segundo caso, reentrando em terreno negativo pela primeira vez desde 14 de setembro). A descida foi liderada pela taxa na Grécia (-8.9 p.b.), a qual se fixou em 1.21%. Em Portugal, a taxa diminuiu 7.6 p.b. (0.28%).

Nos EUA, mesmo com a alteração de discurso por parte do Presidente da *Fed*, deixando antever um posicionamento mais restritivo a curto prazo depois de assumir que a inflação alta não é temporária, as *yields* a 10 e 30 anos diminuíram 4.7 e 13.4 p.b., fixando-se em 1.35% e 1.69%, mínimos desde setembro e janeiro deste ano, respetivamente. A inclinação da curva de rendimentos diminuiu com o incremento a 2 anos (+9 p.b. para 0.59%).

Taxas de soberanos: Inclinação da curva (10-2 anos)



Os principais **mercados acionistas** evidenciaram uma elevada volatilidade ao longo da semana face aos novos fatores de risco. As valorizações anuais superiores a dois dígitos na maioria dos países desenvolvidos permitiram a tomada de mais-valias em maior escala. No entanto, as duas últimas sessões da semana revelaram já a inversão da tendência de *sell-off* iniciada na sexta-feira anterior, com alguns índices a encerrarem inclusivamente em terreno positivo, depois de atingirem os valores mais baixos das últimas seis semanas.

Na Europa, o *Eurostoxx600* desceu de forma marginal (-0.3%), com valorizações do *Footsie* britânico (+1.1%) e do *CAC* francês (+0.4%) que continua a liderar os ganhos anuais (+22.2%). Pela negativa, o *IBEX* espanhol e o *DAX* alemão caíram 1.9% e 0.6%, respetivamente. Em termos setoriais, o maior destaque foram as empresas cíclicas, onde os investidores parecem ter aproveitado a correção intrasemanal para reforçarem as posições, caso da *energia* (+3.0%), *bancos* (+1.6%) e *automóvel* (+1.2%).

Nos EUA, as variações dos principais índices foram maioritariamente negativas, com o *Russe1200* a cair de forma mais acentuada (-4.5%) do que a média (-2.8%). A volatilidade foi a nota dominante, com o índice *VIX* (medida de risco e incerteza de ações) a atingir o máximo (32 pontos) desde janeiro e bem acima da média anual (19.6).

Nos países emergentes, o *MSCI* valorizou 1.1% (-4.3% no ano), liderado pelo *BIST30* da Turquia que valorizou 7.0% (+40% em 2 meses), suportado pelos cortes da taxa diretora e a depreciação acentuada da lira.

No **mercado cambial**, o *dólar efetivo* terminou a semana praticamente inalterado, recuperando nas últimas sessões após as declarações de J. Powell e o relatório de emprego norte-americano ter revelado que em novembro a taxa de desemprego diminuiu para o valor mais baixo desde fevereiro de 2020 (4.2%), inferior às expectativas de mercado. O euro perdeu 0.1% face ao dólar, para

\$1.13/USD. A maioria das moedas dos países emergentes registaram uma apreciação face ao dólar, à exceção da lira, que perdeu mais 11.3%, acumulando uma depreciação anual de 85%.

No que concerne às **matérias-primas**, a cotação do petróleo (*crude*) caiu 2.9% na semana (+35.8% em 2020) com receios de abrandamento da procura mundial devido às medidas de contenção da nova variante de COVID-19. O gás natural desceu 24.6% (+61.8% no ano), penalizado por previsões meteorológicas menos adversas para o próximo Inverno.

## 2. Temas da semana

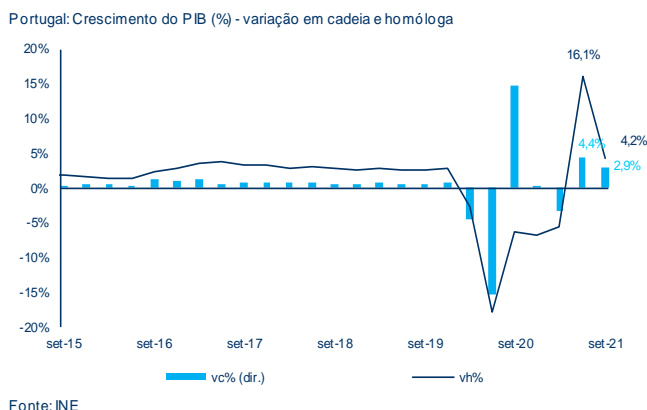
### 2.1 Portugal - Crescimento do PIB - 3.º trimestre de 2021

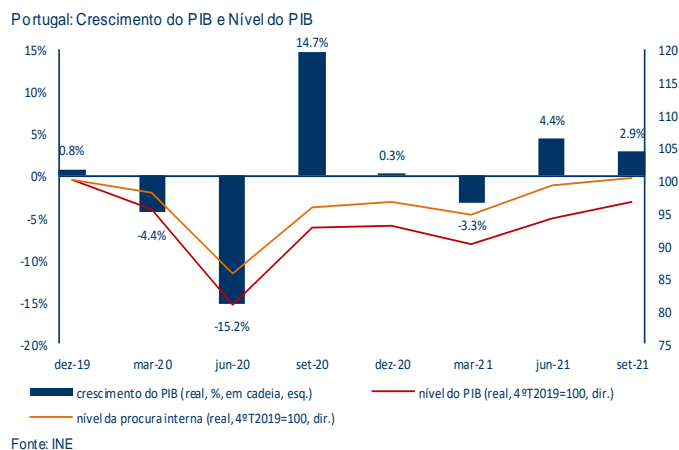
Após a forte recuperação do crescimento económico no segundo trimestre de 2021, suportada pelo sucesso da campanha de vacinação e pela redução dos contágios, foi possível iniciar o alívio de algumas medidas de contenção, permitindo a normalização quase integral da atividade dos serviços que apresentavam inúmeros condicionamentos no terceiro trimestre. A recuperação do turismo no verão estimulou a aceleração da atividade do comércio, restauração e alojamento, conjugada com o fim de obrigatoriedade do trabalho à distância, com impacto positivo nos transportes.

De acordo com a estimativa preliminar do INE, o **PIB real** registou uma expansão de 2.9% no segundo trimestre de 2021, em cadeia, após uma variação positiva de 4.4% no trimestre anterior, refletindo a diminuição gradual das restrições impostas pela pandemia. Apesar da redução, o valor registado é ainda historicamente elevado.

Em termos homólogos, o PIB registou um crescimento de 4.2%, também em termos reais, após 16.1% no período anterior, justificado sobretudo pelo forte impacto e efeito base da pandemia no segundo trimestre de 2020 (dois primeiros meses do segundo trimestre de 2020).

O nível da atividade encontra-se atualmente cerca de 3.2% abaixo dos valores pré-pandémicos. Em contrapartida, a recuperação da procura interna permitiu que esta superasse os valores pré-crise (+0.4%) no terceiro trimestre de 2021.

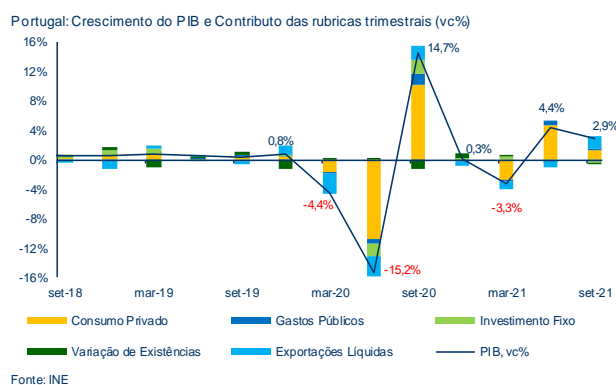




O contributo do consumo privado sofreu uma forte redução no terceiro trimestre de 2021, relativamente ao trimestre anterior.

Com sinal negativo, destaque para o investimento fixo, que sofreu o segundo trimestre consecutivo de contração: -1.8%, em cadeia, após -0.5% no segundo trimestre.

Pela positiva, destaque para o contributo das exportações líquidas, em resultado do crescimento de 9.9% das exportações, em comparação com o crescimento de 4.4% das importações.



O **consumo privado** apresentou um crescimento de 1.9% em relação ao período anterior (7.3% no segundo trimestre), ou 4.6% em termos homólogos (no mesmo período de 2020, a variação tinha sido positiva em +15.8%).

Ainda em cadeia, após o forte aumento do consumo de bens duradouros no período anterior (14.5%), assistiu-se a uma queda desta componente (-6.2%) no terceiro trimestre.

As despesas das famílias foram assim um reflexo do consumo de *bens não alimentares e serviços* (+3.7%), coincidindo precisamente com os períodos de férias mais extensos, refletido nos setores do lazer, hotelaria e restauração.

Em termos homólogos, esta componente resultou num contributo para o PIB de 3.0 p.p., com a componente de *bens não alimentares e serviços* a averbar um contributo 3.1 p.p., após 9.9 p.p..

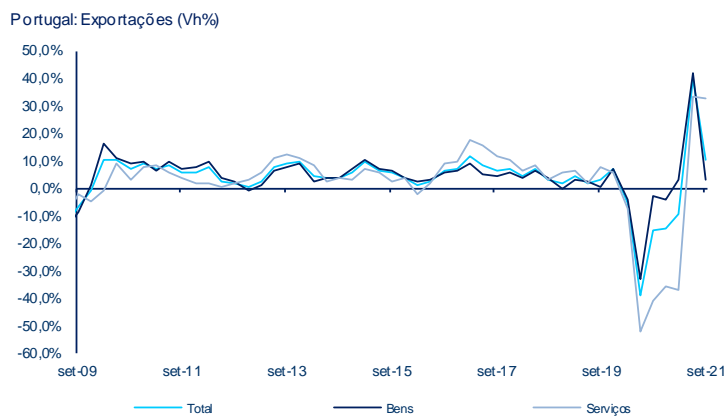
No que diz respeito ao **investimento**, esta rubrica registou uma contração em cadeia de 2.2% (após -1.1%). Em termos homólogos, verificou-se uma diminuição de respetiva variação pelo segundo trimestre consecutivo, de 12.3% para 5.8%. A **formação bruta de capital fixo** (FBCF) apresentou uma variação de -1.8 % em comparação o trimestre anterior, após -0.5% no segundo trimestre anterior. Face a igual trimestre do ano passado, a variação foi positiva em 1.5%, mas muito inferior ao verificado nos três meses precedentes (12.3%).

A **variação de Existências** registou um contributo positivo em termos homólogos (0.7 p.p. e após -

0,2 p.p. no segundo trimestre), como consequência do efeito de base associado ao escoamento de existências durante o terceiro trimestre de 2020, visto que em cadeia o contributo foi negativo (-0.1 p.p.).

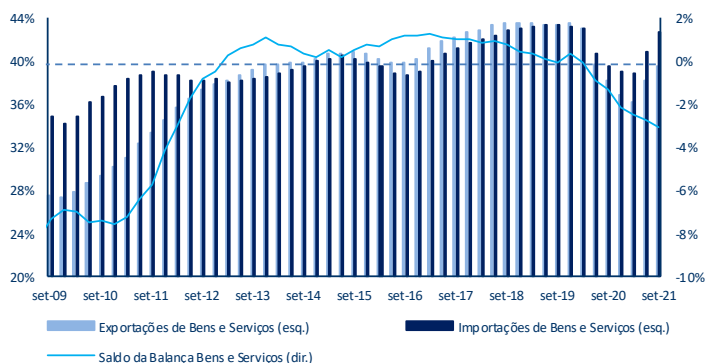
As **exportações de bens e serviços** aumentaram 10.2% no terceiro trimestre, o que representa um abrandamento face aos 39.8% no segundo trimestre (valores homólogos). Recorde-se que no mesmo período do ano anterior a variação tinha sido negativa em -14.4%. Tanto a rúbrica das *exportações associadas aos bens* como a dos *serviços* apresentaram variações positivas pelo segundo trimestre consecutivo, de 3.4% e 33.0%, respetivamente. Em cadeia, a rubrica dos bens recuperou ligeiramente (3.9%), enquanto a dos serviços aumentou muito significativamente (27.7%). Analisando a evolução em comparação com os valores pré pandemia, enquanto as exportações de bens encontram-se 4.9% abaixo do final de 2019, no caso dos serviços a diferença continua a ser muito superior (21.9%), devido à recuperação mais lenta das viagens e turismo em Portugal, embora no trimestre anterior tivesse sido de 38.9%.

As **importações de bens e serviços** cresceram 11.0%, superando as exportações e mantendo um contributo negativo da procura externa líquida (em termos homólogos). Em cadeia, o contributo para a variação do PIB foi positivo (+1.8 p.p.), após um registo negativo no segundo trimestre (-0.7 p.p.). As *importações de serviços* superaram largamente a de *bens*, com 30.1% versus 7.8%. Face ao nível de 2019, a diferença é menor em comparação com as exportações, de -0.6% para os bens e -9.5% para os serviços. O peso das exportações no total do PIB voltou a fixar-se acima dos 40% (40.6%), enquanto o das importações atingiu 42.9%.



Fonte: INE

Portugal: Exportações, Importações e Saldo da Balança de B&S (%PIB, mm4t, nominal)

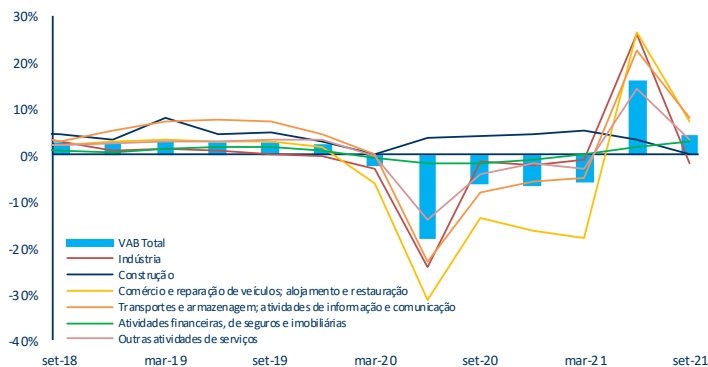


Fonte: INE

Analisando a evolução do PIB na ótica da produção, verifica-se que o **Valor Acrescentado Bruto** cresceu 3.5%, em termos homólogos, após 14.8% no trimestre anterior. O ramo do **Comércio e Reparação de veículos e Alojamento e Restauração** continua a registar o maior contributo para a referida variação com um crescimento de 7.2%, após o forte incremento no trimestre anterior (+26%).

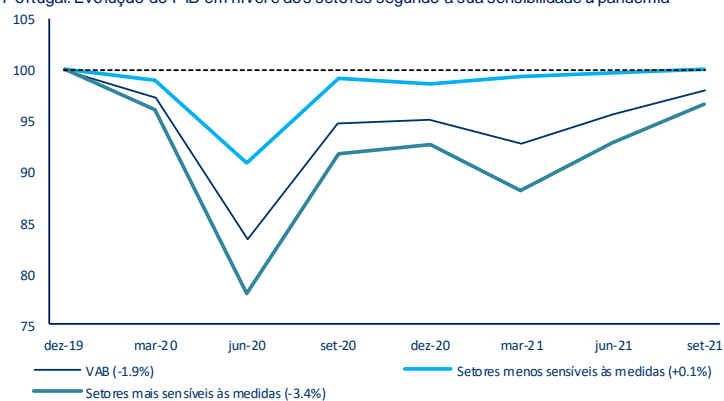
Os ramos das **Outras atividades de serviços** e o **Transporte e Armazenagem, Informação e Comunicação** também contribuíram de forma mais positiva para o PIB. Em sentido contrário, a indústria apresentou uma queda de -2.0% em termos homólogos.

Portugal: Valor Acrescentado Bruto (preços constantes, vh%)



Fonte: INE

Portugal: Evolução do PIB em nível e dos setores segundo a sua sensibilidade à pandemia



Fonte: INE

## 2.2 Portugal: Atividade turística - outubro de 2021

O INE publicou na semana passada o **relatório mensal de acompanhamento da evolução da atividade do setor de alojamento turístico em Portugal** referente a outubro de 2021.

Um dos setores mais afetados pelas medidas restritivas à mobilidade e contato intensivo continua a apresentar uma melhoria gradual e sustentada da respetiva atividade, superando largamente os valores deprimidos verificados em 2020, embora registre uma queda de cerca de 50% face aos primeiros dez meses de 2019.

De acordo com o INE, em outubro de 2021 o setor do alojamento turístico albergou 2.1 milhões de **hóspedes** e 5.5 milhões de **dormidas**, resultados que correspondem a crescimentos, em termos homólogos, de 115.5% e 139%, respetivamente, e após 52.3% e 58.5% em setembro. Face a julho de 2019, os dois valores referidos representam uma diminuição de 14% em ambos os casos, recuperando, ainda assim, de forma muito acentuada tendo em conta as variações próximas de -90% registadas durante o primeiro trimestre de 2021.

Em termos acumulados, nos primeiros dez meses de 2021 verificou-se um crescimento homólogo de



31% no caso das dormidas totais, resultante de variações de 31.9% dos residentes e de 30.0% dos não residentes. Comparando com o mesmo período de 2019, as dormidas diminuíram 49.9%, devido sobretudo ao efeito dos não residentes, com uma variação ainda muito negativa (-66.5%).

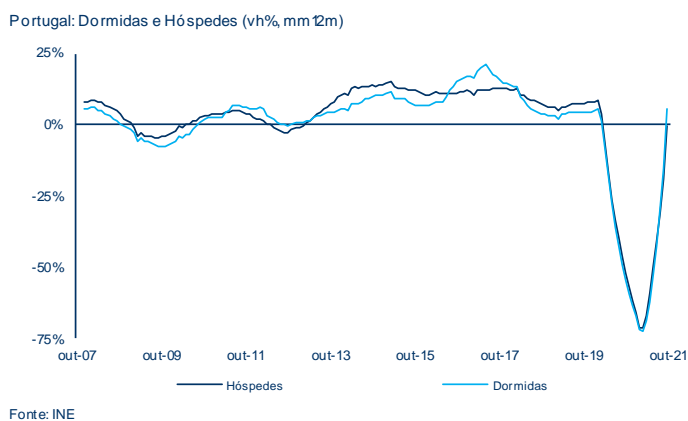
No período compreendido entre novembro de 2020 e outubro de 2021, o setor do alojamento turístico registou 10.3 milhões de hóspedes e 33.2 milhões de dormidas, refletindo uma redução de 0.8% no primeiro caso, mas um aumento de 5.4% de dormidas, face aos 12 meses anteriores.

Como esperado, uma maior percentagem dos estabelecimentos de alojamento turístico estiveram encerrados em outubro do que no mês anterior (24.2% vs. 20.5%), dado o término da época alta de turismo em Portugal.

As **dormidas** de *residentes* ascenderam a 1.95 milhões, representando 35% do total. Sofreram uma redução de 23%, em cadeia, resultado normal tendo em conta o fim do verão. Face ao período homólogo de 2019, pré- crise, registaram um aumento de 28%. As dormidas de *não residentes* totalizaram 3.55 milhões, triplicando face a 2020 mas ainda 26% abaixo do observado em outubro de 2019.

Em termos de **hóspedes**, o número de residentes e não residentes foi muito semelhante (1.0 e 1.1 milhões), registando-se um acréscimo de 57% e 221%, em termos homólogos.

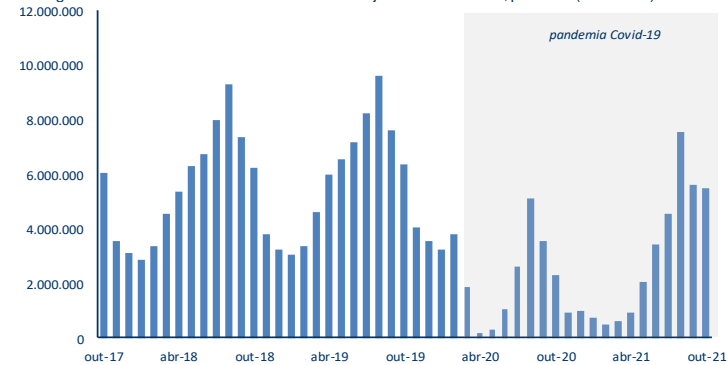
Face a 2019, no entanto, enquanto a retoma dos residentes já ultrapassou os valores pré- crise, no caso dos não residentes ainda se verifica um valor inferior em 31%.



Em termos da *distribuição geográfica*, todas as regiões registaram aumentos das dormidas em outubro, tanto de residentes, como de não residentes, refletindo a melhoria da situação epidemiológica e de vacinação em termos nacionais e dos principais mercados emissores. O Algarve continua a concentrar a maior quota de dormidas (29%), seguindo-se a A.M. Lisboa (24%). Face ao período homólogo de 2019, os maiores crescimentos de dormidas observaram-se na R.A. Madeira (+3.9%) e no Alentejo (+14.9%).

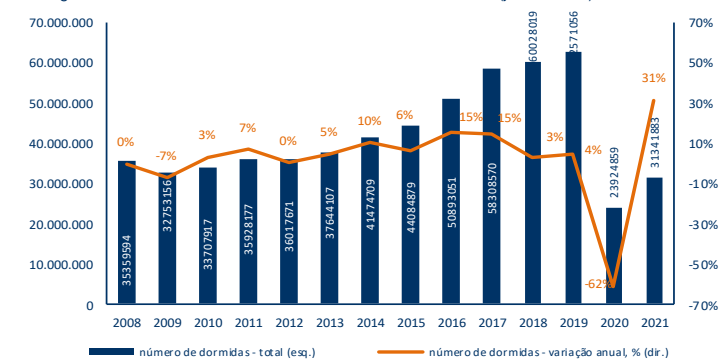
Em termos acumulados desde o início do ano, todas as regiões apresentam variações homólogas positivas (face a igual período de 2020), com destaque para a R.A. Açores (+114.0%) e R.A. Madeira (+59.1%).

Portugal: Dormidas nos estabelecimentos de alojamento turístico, por mês (dormidas)



Fonte: INE

Portugal: Dormidas acumuladas nos estabelecimentos hoteleiros (jan-outubro)



Fonte: INE

## 2.3 Portugal - Avaliação bancária na habitação e Indicador trimestral da habitação do Eurostat

O INE divulgou na semana passada os valores das avaliações bancárias dos imóveis para efeitos de concessão de crédito à habitação (**preços da habitação na avaliação bancária**). Neste contexto, numa ótica nacional, em outubro, o valor mediano de avaliação bancária, obtida no domínio de pedidos de contratos de crédito destinados a aquisição de habitação, fixou-se no máximo histórico de €1251 por metro quadrado (m<sup>2</sup>), o que reflete uma variação positiva de €15 (+1.2%) face ao mês transato e €120 euros (+10.6%) em relação a outubro de 2020.

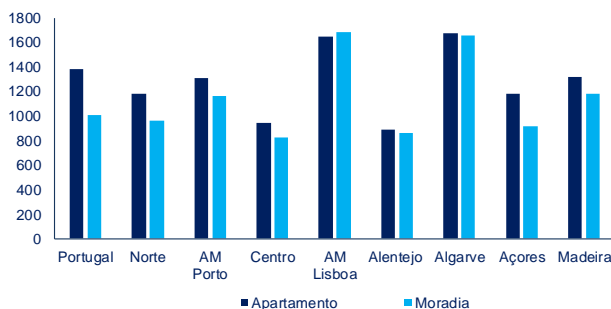
A nível regional, em matéria deste indicador, o Algarve (€1673/m<sup>2</sup>) e a Área Metropolitana de Lisboa (AML) (€1659/m<sup>2</sup>) continuam a registar os valores mais elevados, surgindo, em seguida, a Região Autónoma da Madeira (€1286 por m<sup>2</sup>). Tais valores representam ainda um crescimento mensal do valor mediano de 0.8%, 1.3% e 1.5%, respetivamente. Por outro lado, em contrapartida, a Região Autónoma dos Açores registou a única descida relativamente a setembro (-1.7%), fixando-se o valor mediano em €951/m<sup>2</sup> e confirmando a trajetória descendente do mês precedente. Acrescente-se que, de acordo com o índice do valor mediano de avaliação bancária em outubro de 2021, o Algarve e a Madeira apresentaram valores de avaliação significativamente superiores à mediana do país (34% e 33%).

No mês em análise, no que diz respeito aos *apartamentos*, o valor mediano de avaliação bancária situou-se em €1385/m<sup>2</sup>, ou seja, um acréscimo homólogo de 11.8%, tendo a região do Algarve registado o valor mais elevado (€1674/m<sup>2</sup>), enquanto, num sentido inverso, o Alentejo apresentou o valor mais baixo (€888/m<sup>2</sup>).

Em comparação com o mês anterior, o valor médio de avaliação aumentou 1.2%, sendo que a região dos Açores apresentou a variação mais expressiva (4.0%) e a região do Alentejo verificou a única

redução (-0.4%).

Valor Mediano de Avaliação Bancária de Habitação por Tipologia e por Região  
(Valores em euros/m<sup>2</sup>) (Outubro de 2021)

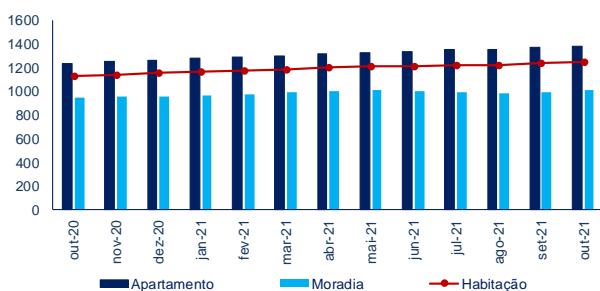


Fonte: INE

Por sua vez, no que concerne ao valor mediano de avaliação bancária de *moradias* em outubro, os dados publicados pelo INE revelam uma valorização de 6.7% relativamente ao mês homólogo. Por regiões, a AML foi a que apresentou o maior crescimento homólogo (9.8%), com o valor mediano a cifrar-se em €1683/m<sup>2</sup>.

Paralelamente, comparando com setembro, o valor da avaliação aumentou 1.2%. Destaque para a região da Madeira que fixou o aumento mais acentuado (3.6%), tendo a região dos Açores apresentado a única descida (-1.2%).

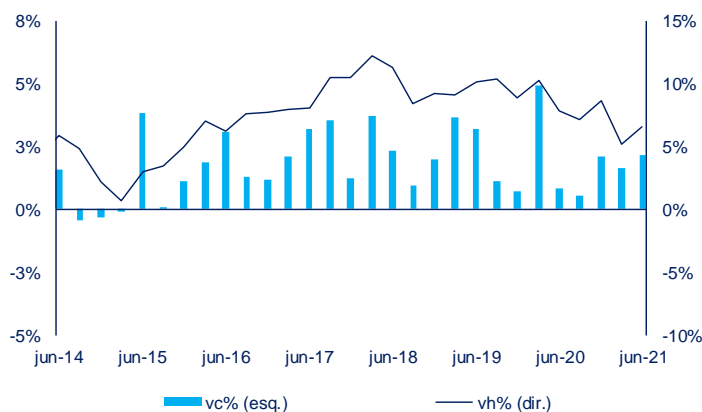
Valor Mediano de Avaliação Bancária de Habitação por Tipologia  
(Valores em euros/m<sup>2</sup>)



Fonte: INE

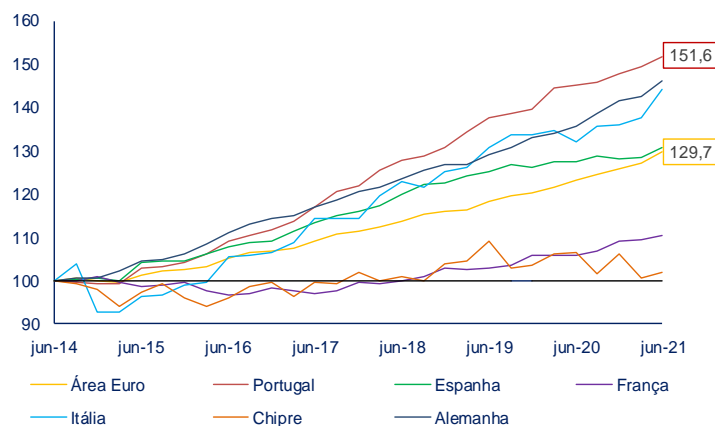
Considerando o **indicador trimestral do Eurostat relativo aos preços na habitação**, a informação relativa ainda ao terceiro trimestre revela que o crescimento dos preços de habitação em Portugal continua a sobressair, estando consideravelmente acima da Área Euro. Para além de Portugal, países como Itália, Espanha e Alemanha revelam também uma evolução dos preços mais elevada do que a média da AE.

Portugal: Evolução dos preços das casas - vc% e vh%



Fonte: Eurostat

Área Euro: Evolução dos preços das casas (Índice: 2T 2014 = 100)



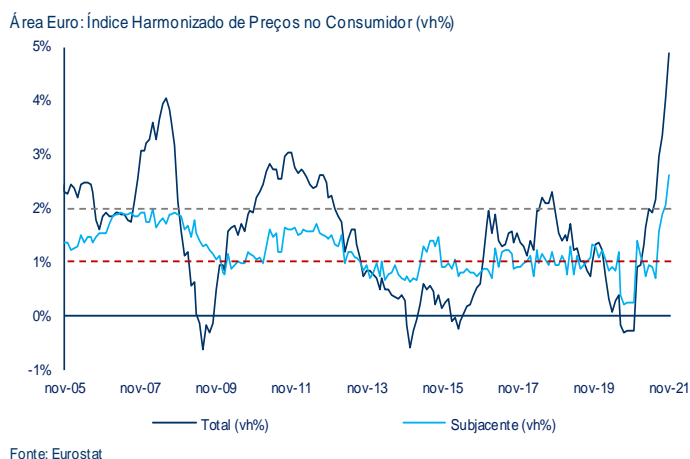
Fonte: Eurostat

## 2.4 Área Euro - Índice de preços no consumidor (novembro de 2021)

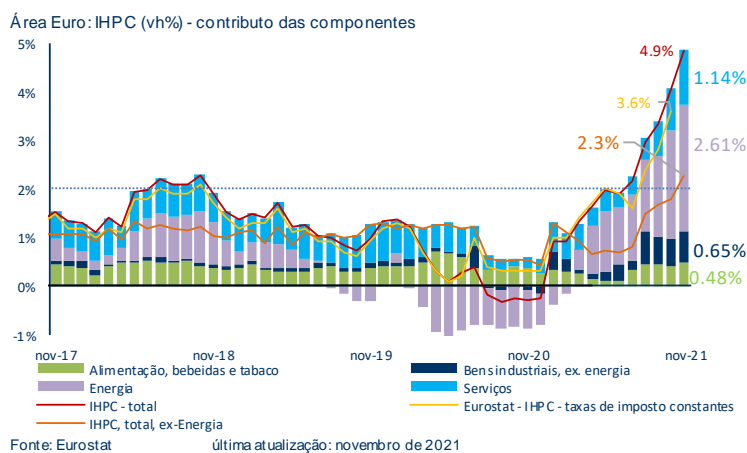
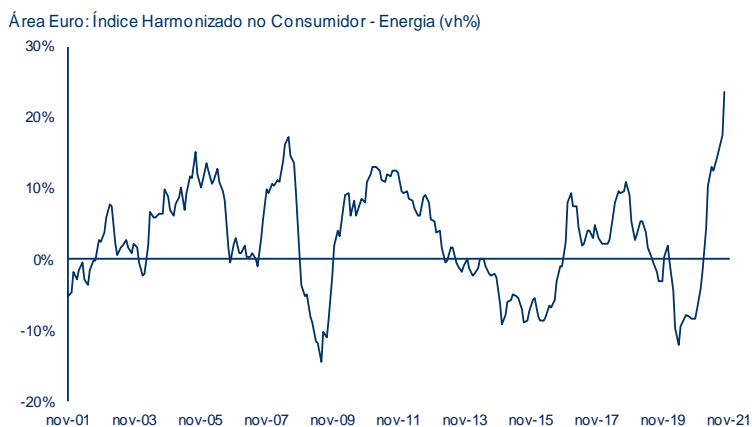
O Eurostat divulgou esta semana o relatório preliminar referente ao **índice harmonizado de preços no consumidor (IHPC)** da Área Euro respeitante ao mês de novembro. A variação homóloga da inflação no consumidor foi 4.9%, o valor mais elevado desde a criação da União Económica e Monetária em 1999.

A componente energética registou um crescimento homólogo de 27.4%, o que teve tradução num forte incremento do respetivo contributo.

A *inflação subjacente*, por seu lado, registou igualmente um incremento maior do que o previsto. Após 2.0% em outubro, a variação homóloga passou para 2.6%, suplantando o máximo histórico de 2.5% registado em 2002.



Em novembro, o contributo da componente Energia voltou a ser predominante, correspondendo a 2.6 p.p., mais de metade da variação total de 4.9 p.p.. Embora a energia, por si só tenha explicado novamente mais de metade da variação homóloga do IHPC, essa predominância não foi tão significativa como nos meses anteriores. De facto, excluindo o contributo desta rubrica, a inflação homóloga cifrar-se-ia em 2.3%, após 1.8% em outubro, o resultado mais elevado desde agosto de 2008.

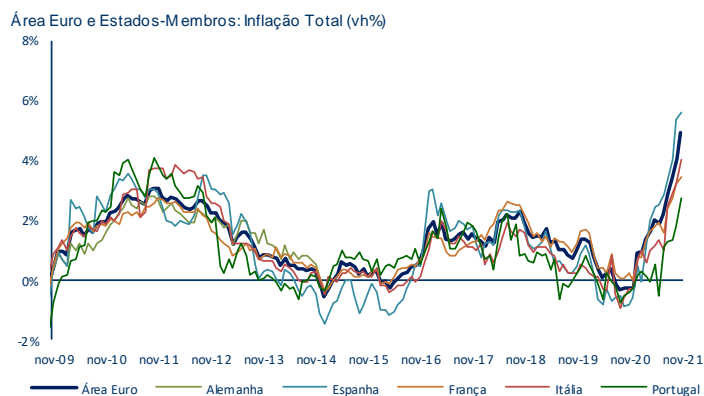


No mês em análise, os contributos das restantes rubricas tiveram igualmente incrementos:

- No caso da *alimentação, bebidas e tabaco*, a respetiva variação homóloga aumentou de 1.9% para 2.2%, a leitura mais elevada em 17 meses, o que resultou num contributo de 0.48

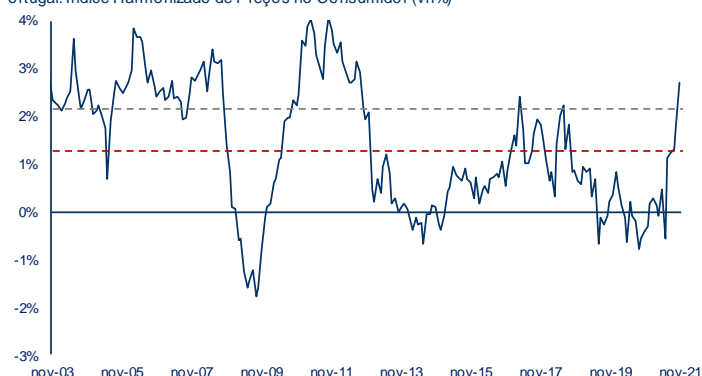
- p.p., após 0.46 p.p. em outubro;
- O incremento da variação homóloga da componente *bens industriais não-energéticos* passou de 2.0% para 2.4%, o que conduziu a um aumento do contributo de 0.54 para 0.65 p.p.;
  - No caso dos serviços, a variação homóloga aumentou em 0.6 p.p., para 2.7%, um máximo desde março de 2008, o que refletiu-se num contributo de 0.86 p.p..

Entre os principais países, o maior destaque é o valor da taxa de inflação na Alemanha (6.0%). Em Portugal, o valor da inflação homóloga de 2.7% foi o mais elevado da última década.



Fonte: Eurostat

Portugal: Índice Harmonizado de Preços no Consumidor (vh%)



Fonte: Eurostat

## 3. Anexo de Informação Financeira

(atualizado sexta-feira, 3 de dezembro às 20h30)

### MERCADO MONETÁRIO

	Valor observado (%):			Variação (p.p.):		
	31-dez-20	30-nov-21	3-dez-21	2021 YTD	Dezembro	Semana
<b>EURIBOR Act/360 dias</b>						
1 mês	-0.554	-0.570	-0.569	↓ -0.015	↑ 0.001	↓ -0.002
3 Meses	-0.545	-0.573	-0.563	↓ -0.018	↑ 0.010	↑ 0.009
6 Meses	-0.526	-0.538	-0.537	↓ -0.011	↑ 0.001	↔ 0.000
12 Meses	-0.499	-0.505	-0.500	↓ -0.001	↑ 0.005	↓ -0.006
<b>LIBOR USD Act/360 dias</b>						
LIB 1 mês	0.144	0.094	0.103	↓ -0.041	↑ 0.009	↑ 0.012
LIB 3 meses	0.238	0.173	0.175	↓ -0.064	↑ 0.001	↓ -0.001
LIB 6 meses	0.258	0.243	0.270	↑ 0.012	↑ 0.026	↑ 0.024
LIB 12 meses	0.342	0.382	0.458	↑ 0.116	↑ 0.076	↑ 0.048

### OBRIGAÇÕES DE GOVERNO - 10 anos

	Valor observado (%):			Variação (p.p.):		
	31-dez-20	30-nov-21	3-dez-21	2021 YTD	Dezembro	Semana
Portugal	0.030	0.330	0.277	↑ 0.247	↓ -0.053	↓ -0.076
Espanha	0.047	0.399	0.347	↑ 0.300	↓ -0.052	↓ -0.082
Grécia	0.628	1.264	1.213	↑ 0.585	↓ -0.051	↓ -0.089
Itália	0.543	0.969	0.915	↑ 0.372	↓ -0.054	↓ -0.059
França	-0.338	0.011	-0.031	↑ 0.307	↓ -0.042	↓ -0.066
Alemanha	-0.569	-0.349	-0.388	↑ 0.181	↓ -0.039	↓ -0.053
Reino Unido	0.197	0.809	0.747	↑ 0.550	↓ -0.062	↓ -0.078
Suíça	-0.550	-0.233	-0.283	↑ 0.267	↓ -0.050	↓ -0.059
EUA	0.913	1.444	1.351	↑ 0.438	↓ -0.093	↓ -0.122
Japão	0.021	0.057	0.053	↑ 0.032	↓ -0.004	↓ -0.021

### ÍNDICES ACIONISTAS

	Valor observado			Variação (%):		
	31-dez-20	30-nov-21	3-dez-21	2021 YTD	Dezembro	Semana
Eurostoxx 600	399	463	463	↑ 16.0%	↓ 0.0%	↓ -0.3%
IBEX	8074	8305	8242	↑ 2.1%	↓ -0.8%	↓ -1.9%
CAC	5551	6721	6766	↑ 21.9%	↑ 0.7%	↑ 0.4%
DAX	13719	15100	15170	↑ 10.6%	↑ 0.5%	↓ -0.6%
FTSE	6461	7059	7122	↑ 10.2%	↑ 0.9%	↑ 1.1%
PSI20	4898	5433	5417	↑ 10.6%	↓ -0.3%	↓ -0.1%
S&P 500	3756	4567	4503	↑ 19.9%	↓ -1.4%	↓ -2.0%
Nasdaq	12888	15538	14984	↑ 16.3%	↓ -3.6%	↓ -3.3%
Topix	1805	1928	1958	↑ 8.5%	↑ 1.5%	↓ -1.4%
MSCI Emerg	1291	1212	1236	↓ -4.3%	↑ 2.0%	↑ 1.1%
Shanghai	3473	3564	3607	↑ 3.9%	↑ 1.2%	↑ 1.2%

### CÂMBIOS e MATÉRIAS-PRIMAS

	Valor observado			Variação (%):		
	31-dez-20	30-nov-21	3-dez-21	2021 YTD	Dezembro	Semana
EUR/USD	1.2216	1.1338	1.1308	↓ -7.4%	↓ -0.3%	↓ -0.1%
EUR/JPY	126.18	128.32	127.50	↑ 1.0%	↓ -0.6%	↓ -0.7%
EUR/GBP	0.8937	0.8525	0.8546	↓ -4.4%	↑ 0.2%	↑ 0.7%
EUR/AOA	795.17	657.70	645.29	↓ -18.8%	↓ -1.9%	↓ -4.2%
EUR/MZN	91.50	72.59	72.14	↓ -21.2%	↓ -0.6%	↓ -0.5%
Petróleo (Brent \$)	51.17	69.75	69.14	↑ 35.1%	↓ -0.9%	↓ -3.4%
Petróleo (Crude \$)	48.52	66.18	65.88	↑ 35.8%	↓ -0.5%	↓ -16.0%
Gás Natural (\$)	2.54	4.57	4.11	↑ 61.8%	↓ -10.1%	↓ -24.6%
Ouro (\$)	1898.36	1774.52	1784.61	↓ -6.0%	↑ 0.6%	↓ -1.0%
Prata (\$)	26.40	22.84	22.52	↓ -14.7%	↓ -1.4%	↓ -2.7%
Cobre (\$)	3.52	4.28	4.27	↑ 21.3%	↓ -0.2%	↓ -0.3%
Café (\$)	128.25	233.25	244.05	↑ 90.3%	↑ 4.6%	↑ 0.1%
Milho (\$)	484.00	567.00	586.50	↑ 21.2%	↑ 3.4%	↓ 0.0%

## DISCLAIMER

Esta informação não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Geral de Depósitos e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Geral de Depósitos por perdas ou danos causados pelo seu uso.

A informação contida neste documento é realizada com um objetivo informativo, sendo enviada como um instrumento auxiliar, não podendo servir de base a qualquer investimento que possa ser realizado.

Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rendibilidade futura.

Não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Geral de Depósitos não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.